



Transinformação

ISSN: 0103-3786

transinfo@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Barbosa Galvão, Maria Cristiane; Antunes de Figueiredo Leite, Renata
Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e
competências

Transinformação, vol. 20, núm. 2, agosto, 2008, pp. 181-191

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384334798006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e competências

From medical librarian to informacionist: semantic traces of their profiles and areas of performance

Maria Cristiane Barbosa GALVÃO¹

Renata Antunes de Figueiredo LEITE²

RESUMO

Esta revisão de literatura retoma a discussão dos perfis e competências do profissional da informação, especificamente no campo da saúde, tendo por objetivo delinear novos campos de atuação e perfis por ele requeridos.

Palavras-chave: profissional da informação, informação em saúde, perfil profissional.

ABSTRACT

This literature review retakes the discussion of the profiles and competences of the information area professional, specifically, in the health field. Therefore, the aim here is to outline the new fields of performance for the informationist and the profiles required in the health context.

Keywords: Information area professional, health information, professional profile.

INTRODUÇÃO

A complexidade para a atuação do profissional da informação no campo da saúde inicia-se quando observamos que nesse contexto interagem médicos, enfermeiros, dentistas, psicólogos, farmacêuticos, biomédicos, fisioterapeutas, assistentes sociais, entre outros igualmente importantes, que possuem e demandam conhecimentos, informações e linguagens relacionados ao objeto saúde que podem ser

amplamente compartilhados, ou, dependendo do caso, interessam apenas a um conjunto restrito de especialistas.

Além dos diferentes profissionais envolvidos no campo da saúde, com o avanço das tecnologias e facilidade no acesso à informação médica na *Internet* e meios de comunicação, o paciente tende a alterar a relação que estabelece com seu quadro clínico, questionando mais o médico e demandando mais informações sobre seu diagnóstico ou sobre sua terapia.

¹ Docente, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Av. Bandeirantes, 3900, Bloco P1, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: M.C.B. GALVÃO. E-mail: <mgalvao@ffclrp.usp.br>.

² Funcionária da Biblioteca Central, Prefeitura do Campus Administrativo de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. E-mail: <rafig@usp.br>.

Recebido em 15/2/2007 e aceito para publicação em 22/11/2007.

Bruno, Vercellesi e Miranda (2005, p.219) ressaltam que atualmente “pessoas obtêm mais informações sobre saúde em revistas e jornais, do que de outra forma [...]”.²

Nesse contexto, o profissional da informação em saúde poderá atuar na organização e na recuperação eficaz da informação em uma biblioteca, em um hospital, em um laboratório, em um arquivo médico e desenvolver diferentes serviços e produtos informacionais.

No Brasil, como é de amplo conhecimento, o enfoque de formação do profissional da informação especializado no campo da saúde é ainda algo recente. Geralmente, estudos específicos sobre informação em saúde são realizados no âmbito dos cursos de pós-graduação em ciência da informação e nos cursos de ciências da saúde. A graduação em biblioteconomia, documentação e ciência da informação, por exemplo, ainda prioriza uma formação mais genérica, ou seja, não tematizada.

Alterando esse contexto, o curso de Ciências da Informação e da Documentação da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, traz uma proposta de um curso de graduação em ciência da informação com especialização em três áreas do conhecimento. Assim, no quarto ano do curso, o aluno faz sua opção entre *informação em educação*, *informação em negócios* ou *informação em saúde*, graduando-se com um nível de especificidade na área do conhecimento escolhida (Universidade..., 2006).

Pelo exposto, e considerando nossa inserção no curso acima, este artigo tem por objetivo compreender a atuação do profissional da informação no campo da saúde, focando-se no estudo dos traços semânticos relacionados aos perfis e competências presentes nos conceitos do termo *bibliotecário médico* e do termo *informacionista*. Entende-se que traço semântico é a unidade de significado, ou propriedade mínima, usada para descrever um conceito ou noção, sendo também denominado característica semântica (Pavel, 2005). Pressupõe-se, ainda, que o termo genérico *profissional da informação* abarca os termos específicos

bibliotecário, *arquivista* e *museólogo*, conforme já amplamente discutido na literatura da ciência da informação. Todavia, especificamente neste artigo, refletiremos mais sobre o termo *bibliotecário* enquanto profissional da informação no contexto da saúde. O escopo adotado é, portanto, reduzido ao não incluir o estudo dos termos *arquivista* e *museólogo*.

METODOLOGIA

Para atingir nossos objetivos, tgos e livros publicados em um período de dez anos (1997 a 2006). Para tanto, foram realizados levantamentos bibliográficos nas bases de dados: *Library and Information Science Abstracts* (LISA), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS), assim como na coleção de revistas publicadas em texto completo e de livre acesso *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). A partir do estudo dos vocabulários controlados utilizados nas bases de dados citadas e na coleção SciELO, os descritores empregados nas estratégias de busca foram: *information professional*, *informationist*, *medical librarian*, *clinical librarian*, *bibliotecário*, e *profissional da informação*.

Foram encontrados 227 trabalhos publicados em diferentes países. Como pode ser observado no quadro 1, os Estados Unidos é o país que mais produz cientificamente sobre o perfil do profissional da informação em saúde. O Brasil aparece em quarto lugar, mas com uma porcentagem muito pequena de publicações presentes nas fontes consultadas: apenas 5,7% - considerando ainda que, da produção brasileira encontrada, apenas 5 trabalhos, ou seja, pouco mais de 2%, referiam-se especificamente ao profissional da informação em saúde.

Dos 227 trabalhos relacionados ao perfil do profissional da informação em saúde, foram excluídos aqueles em língua oriental; trabalhos desprovidos de resumos e trabalhos não disponíveis em texto completo. Foram, então, selecionados 53 trabalhos para estudo, sendo 50 artigos de periódico e 3 dissertações.

² Esta questão é bastante complexa, tendo-se em vista os riscos à saúde advindos de informações inadequadas e merece ser discutida em outra oportunidade com maior detalhamento.

Quadro 1. Número de trabalhos encontrados sobre o perfil do profissional da informação em saúde, segundo o local de publicação.

Número de trabalhos	País	%
116	Estados Unidos	51
60	Reino Unido	26,4
19	Cuba	8,4
13	Brasil	5,7
8	Japão	3,6
5	Canadá	2,2
2	Nicarágua	0,9
1	Alemanha	0,44
1	Holanda	0,44
1	Noruega	0,44
1	República Checa	0,44

Dos 50 artigos de periódico e 3 dissertações objetos de nossa análise, 27 artigos e as 3 dissertações, ao se referirem ao profissional da informação em saúde, empregam o termo *informacionista*, perfazendo um total de 30 trabalhos, conforme representado no gráfico 1. Dos 30 trabalhos que empregam o termo *informacionista*, 21 trabalhos reportam-se aos estudos elaborados pelos autores Davidoff e Florance (2000), conforme apresentado no gráfico 2.

Dessa forma, pelos dados encontrados, observamos que, para entender o perfil do profissional da informação em saúde e suas competências, devemos aprofundar nossa atenção na compreensão dos conceitos relacionados ao termo *informacionista* e nos estudos elaborados por Davidoff e Florance.

Também observamos que alguns autores empregam o termo *bibliotecário médico* e o termo *bibliotecário clínico* ao se referirem ao profissional da informação em saúde.

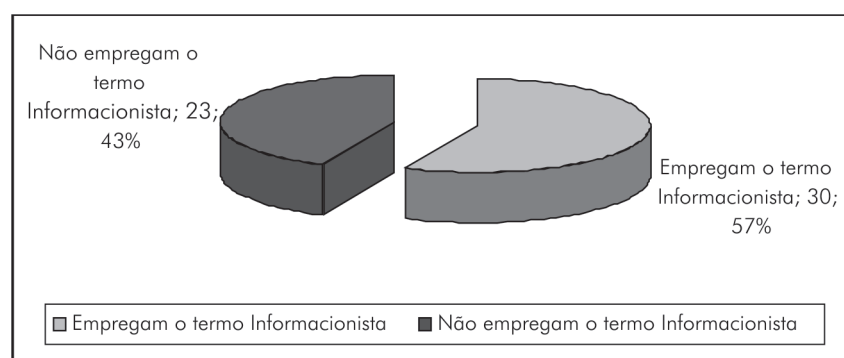


Figura 1. Número de trabalhos que empregam o termo informacionista.

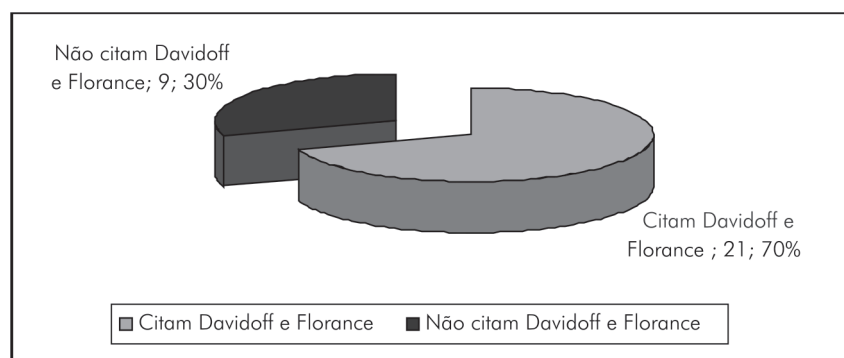


Figura 2. Número de trabalhos que citam os autores Davidoff e Florance.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Considerando nossos objetivos de estudo e os conceitos adotados pelos autores, optamos, então, em apresentar a sistematização dos dados coletados em duas partes, quais sejam:

a. traços semânticos caracterizadores das competências e perfis presentes nos conceitos relacionados aos termos *bibliotecário médico* e *bibliotecário clínico*;

b. traços semânticos caracterizadores das competências e perfis presentes nos conceitos relacionados ao termo informacionista.

O bibliotecário médico e o bibliotecário clínico

Já em 1917, segundo Schacher (2001), a demanda por profissionais especializados nas 174 bibliotecas médicas nos Estados Unidos favoreceu a criação da profissão de *bibliotecário médico*. Na década de 1920, bibliotecas em hospitais e sanatórios eram principalmente usadas para recreação de pacientes, evoluindo para um repositório de pesquisas clínicas e estudos de caso. Em 1939, o cargo de *bibliotecário médico* foi reconhecido oficialmente naquele país.

Em 1943, o número de bibliotecas médicas era o dobro do inicial. Em decorrência disso, em 1947, a *Medical Library Association* (MLA), adotou um programa de treinamento especial para *bibliotecários médicos*, e em 1948 o primeiro curso que formaria *bibliotecários médicos* foi oferecido em Nova Iorque, na *Columbia University School of Library Service*. Também em 1948, na tentativa de criar um sistema automatizado de busca de informação, fazendo um controle da literatura e facilitando pesquisas, a *National Library of Medicine* (NLM) cria o banco de dados e sistema de computador MEDLARS (*Medical Literature Analysis and Retrieval System*) e, em 1969, cria o MeSH (*Medical Subject Headings*), que passa a ser adotado oficialmente como lista de descritores em ciências da saúde (Schacher, 2001).

Por volta de 1960, nos Estados Unidos, os currículos de escolas de biblioteconomia e o treinamento bibliotecário tiveram um avanço considerável, sendo

substituído o enfoque voltado às rotinas meramente técnicas. Em 1967, os enfoques curriculares já abarcavam temáticas relacionadas à elaboração de resumos documentários, acervos bibliográficos e à disseminação de artigos e documentos (Schacher, 2001).

Em 1971, a bibliotecária médica Gertrude Lamb levantou a proposta de atuação do bibliotecário e especialista em informação agindo juntamente às equipes médicas, sendo inserido nas equipes de cuidado aos pacientes, objetivando assim, antecipar as necessidades de informação requeridas pela equipe, agilizando o trabalho de pesquisa e as decisões clínicas. Lamb observava a necessidade de se fornecer uma informação altamente específica para médicos (Schacher, 2001, Winning, Beverley, 2003, Sargeant, Harrison, 2004a, b). É nesse momento que o termo *bibliotecário clínico* começa a ser utilizado com mais frequência.

Após ter proposto, em 1971, um novo perfil para o *bibliotecário médico*, Lamb inicia o primeiro curso relacionado à formação do *bibliotecário médico clínico* na *University of Missouri at Kansas City (UMKC) School of Medicine* (Schacher, 2001, Brown, 2004, Wagner, BYRD, 2004), e, em 1974, inicia um segundo curso no *Hartford Hospital and the University of Connecticut Health Center in Hartford* (Schacher, 2001).

Como resultado do empenho de Gertrude Lamb, muitos programas de *bibliotecário médico clínico*, inicialmente subsidiados pela NLM, surgiram nas duas décadas seguintes. Quatro programas tinham sido criados em 1974, 23 programas existiam em 1985, e, em 1993, já havia em funcionamento 29 programas de *bibliotecário médico clínico* (Lipscomb, 2000, p.393).

Com o surgimento da medicina baseada em evidência (MBE), em 1990, o *bibliotecário clínico* ganha destaque na equipe médica (Pinto, 2005). Para maior clareza acrescentamos que

[...] o conceito de medicina baseada em evidências condiciona-se ao fato de que as decisões clínicas e os cuidados de saúde devem embasar-se nas evidências atuais, que chegam por publicações científicas especializadas em estudos e trabalhos e que podem ser criticamente avaliados e recomendados. Ou seja, que a aplicação dos meios e métodos médicos deva concen-

trar-se na informação obtida na literatura 'cientificamente válida e relevante', com direta implicação à prática médica dos cuidados de saúde. Isto redundará, necessariamente, na busca incessante da localização da "informação precisa" (França, 2006).

Dalrymple (2002) explicita que a medicina baseada em evidência requer avaliação crítica da literatura médica e o uso consciencioso, explícito, e judicioso da melhor evidência atual, tomando decisões sobre o cuidado de pacientes de forma individual; assim, os *bibliotecários clínicos* têm contribuído com sua experiência em busca da medicina baseada em evidência (Mckibbin, Bayley, 2004, Ward, Meadows, Nashelsky, 2005). A partir dessa contribuição, todo o processo de busca, seleção e avaliação crítica da literatura para responder questões clínicas que permeiam o conceito de MBE favorece a integração do bibliotecário junto à equipe médica (SCHERRER, JACOBSON, 2002 apud PINTO, 2005, p.31).

Em sintonia com o exposto acima, o termo *bibliotecário clínico* é conceituado por uma gama considerável de autores, como veremos a seguir.

Alguns autores afirmam que o *bibliotecário clínico* realiza muito mais que buscas rápidas de informação. Seu treinamento clínico permite-lhe entender e antecipar-se às perguntas realizadas em equipes, assumir um papel mais proativo, e analisar a literatura para fornecer a informação desejada (Coutinho, Meijman, 2006, p.58). Dessa maneira, usa seu conhecimento contextual para auxiliar nas respostas às perguntas clínicas, para confirmar um diagnóstico ou um plano de tratamento, seja a informação recuperada destinada ao clínico, ao paciente ou a um cuidador (Rigby et al., 2002).

Winning e Beverley (2003) e Haigh (2006) observam que o *bibliotecário clínico* é um membro da equipe de cuidado médico que deve estar prontamente disponível para fornecer a informação para melhorar a qualidade do cuidado ao paciente ou para o desenvolvimento profissional continuado dos clínicos.

Segundo Homan e McGowan (2002), os *bibliotecários médicos* que desenvolverem conhecimento de medicina clínica, perícias em medicina baseada em evidência, e técnicas de recuperação de informação possuem as habilidades primárias exigidas para se tornarem *informacionistas*.

Considerando o histórico e as definições acima mencionados, percebe-se que o termo *bibliotecário médico*, utilizado desde 1917, foi o primeiro termo utilizado para se definir o profissional da informação em saúde, evoluindo então para o termo *bibliotecário clínico*, em 1971. O termo *bibliotecário clínico* ainda é muito utilizado, principalmente no Reino Unido, onde os *Clinical Medical Librarian Services* (CMLs), ou seja, serviços de *bibliotecários médicos clínicos*, foram muito difundidos, assim como nos Estados Unidos.

Já no Brasil, os bibliotecários recebem uma formação generalista, com poucas exceções, quais sejam:

- - um curso de graduação em ciências da informação que possui ênfase em informação saúde, como o da Universidade de São Paulo USP-Ribeirão Preto, que formou sua primeira turma no ano de 2006;
- - o Curso de Especialização em Ciências da Saúde para Bibliotecários e Documentalistas, oferecido pela Biblioteca Central da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com a contribuição do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde da Organização Mundial da Saúde (BIREME/OPAS/OMS); e,
- - o Curso de Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), em que a abordagem do *bibliotecário clínico*, baseada no modelo internacional, não é privilegiada.

No Brasil, percebe-se que a compreensão do *bibliotecário médico* ainda está voltada ao tratamento da informação médica, em ambientes como as bibliotecas especializadas ou universitárias, além de considerar que esse profissional também deve "trabalhar em bibliotecas virtuais em saúde" (Beraquet et al., 2006, p.5), como é o caso da BIREME.

Para melhor entendermos a conceituação do *bibliotecário médico* no contexto brasileiro, levantaremos, a seguir, algumas abordagens de autores nacionais.

Segundo Crestana (2002, p.41),

[...] *bibliotecário médico*, não sendo um membro da profissão médica, deve buscar entender, além da estrutura organizacional da instituição onde trabalha, a organização dos conhecimen-

tos desta área e os tipos de profissionais que são seus clientes, de acordo com as várias formações acadêmicas, para então satisfazer às necessidades informacionais destes profissionais em diferentes estágios de suas carreiras.

Martinez-Silveira ressalta que, apesar de não ser uma prática comum, no Brasil, “o profissional da informação que atua na área médica tem a possibilidade de auxiliar em diversos serviços de saúde”. [...] “Bibliotecários que atuem na área da prática médica ou clínica médica são muito menos freqüentes, embora exista a figura do bibliotecário hospitalar, com os diversos serviços por ele oferecidos nas bibliotecas hospitalares” (Martínez-Silveira, 2005, p.38).

Segundo Ciol e Beraquet (2003, p.59), no Brasil, “grande parte dos *bibliotecários médicos* atuam em bibliotecas acadêmicas especializadas em saúde”, ou como enfatiza Martínez-Silveira (2005, p.38), “em bibliotecas de instituições e associações de classe da área médica.”

Crestana (2002), conclui que, no Brasil, não existem iniciativas baseadas no modelo internacional e os *bibliotecários médicos* desempenham suas atividades nas bibliotecas médicas de instituições de ensino ou de saúde e seus clientes são geralmente, além da comunidade externa, estudantes, professores, pesquisadores, e profissionais da saúde.

Em se tratando de América Latina, Pinto (2005, p.33) nota que

[...] ainda não se tem conhecimento de uma associação, organização ou de alguma política ou documento formal que determine diretrizes para a formação do profissional da informação em saúde [...].

Acrescenta que bibliotecários especializados ainda não possuem reconhecimento formal no Brasil e América Latina (Pinto, 2005, p.33) e conclui enfatizando o papel da BIREME, centro especializado da Organização Panamericana da Saúde – OPAS, sediada em São Paulo, na disseminação de informação em saúde e capacitação dos bibliotecários que atuam nos mais de 650 centros que cooperam com essa rede em quase todos os países da América Latina (Pinto, 2005), incluindo o Brasil.

Considerando os autores acima, observamos que, internacionalmente, o emprego dos termos *bibliotecário médico*, *bibliotecário clínico* e *informacionista* surgem como forma de explicitação de uma complexidade conceitual crescente. Ou seja, inicialmente, o termo *bibliotecário médico* é usado para representar o profissional que trabalha em bibliotecas médicas; o termo *bibliotecário clínico* surge para representar o profissional que, além de organizar e disseminar a informação, passa a desenvolver seu trabalho mais próximo à equipe de saúde; e, finalmente, *informacionista* é um termo que parece surgir para representar um profissional que possui conhecimentos tanto no campo da organização e recuperação da informação quanto no próprio campo da saúde, e que compreende mais pormenorizadamente a terminologia do campo da saúde e contribui de forma ativa, seja na decisão médica, seja para a construção do conhecimento médico. Todavia, nacionalmente, essas disjunções entre os termos não aparecem muito nítidas, talvez pela própria exigüidade de pesquisas nacionais sobre o assunto.

O INFORMACIONISTA

O termo *informacionista*, do inglês *informationist* (termo mais utilizado nos Estados Unidos), surgiu em 2000, a partir da publicação dos autores Davidoff e Florance, no conceituado periódico da área da saúde *Annals of Internal Medicine*, tendo sido o artigo intitulado *The informationist: a new health profession?* Nesse artigo, os autores propõem uma nova profissão, em escala nacional, que se incluiria no setor médico. A partir dessa publicação, esses autores tornaram-se referência, posto que grande parte dos trabalhos publicados desde então se reportam ao artigo mencionado, abrindo-se uma discussão sobre quem é o *informacionista* e quais suas aproximações e distanciamentos com o *bibliotecário clínico*.

Em termos gerais, o artigo retoma a proposta de Gertrude Lamb e propõe um profissional com as mesmas habilidades antes tidas pelo *bibliotecário clínico*, porém com um nível maior de especificidade.

Diversos autores afirmam que o surgimento do termo *informacionista* foi baseado nos termos médicos dados aos profissionais da saúde, como, por exemplo, gastroenterologista. Para os autores, os *informacionistas* fariam parte da equipe clínica, antecipando respostas

aos clínicos. Seus serviços deveriam estar disponíveis a toda equipe médica, enfermeiros, técnicos, administradores, bem como à família e ao paciente. Os *informacionistas* deveriam ter um sólido e claro entendimento da ciência da informação e da essência do trabalho clínico, tendo, em sua formação, a colaboração de equipes clínicas. Eles poderiam também ter um papel crucial dentro dos sistemas de recuperação de informação existentes, melhorando e criando novos sistemas, buscando as melhores informações para clínicos, pacientes e famílias, e verificando a necessidade da informação buscada e de que forma elas são úteis a eles (Davidoff, Florance, 2000).

Devido à sua importância, o conceito de *informacionista* já foi tema de uma conferência patrocinada pela *National Library of Medicine*, nos Estados Unidos, em 2002, com a finalidade de definir a profissão (Shipman et al. 2002).

Após Davidoff e Florance (2000) terem conceituado e criado o termo *informacionista*, os vários autores estudados neste trabalho apontam traços semânticos³ das competências e perfis associados a esse termo. Nesse sentido podem ser observadas conjunções e disjunções entre os termos *bibliotecário clínico* e *informacionista*, como veremos a seguir:

Segundo Homan e McGowan (2002), o *informacionista* é a “reencarnação” do *bibliotecário clínico*, mas com propriedades somadas. Oferece treinamento aos profissionais do cuidado em saúde para recuperação de informação com qualidade, sendo o ponto principal da nova profissão a seleção de informações adequadas. No mesmo sentido, Zipperer (2004) ressalta que o *informacionista* é uma extensão do *bibliotecário clínico*. Segundo o autor, esses bibliotecários teriam que adquirir conhecimento clínico, ser peritos em recuperação, síntese e fornecimento de informação para serem considerados *informacionistas*.

Tentando estabelecer disjunções, Cañedo-Andalia (2002) assinala que o *informacionista* se diferencia do *bibliotecário clínico*, pois realiza análise de informação própria de *expert* em uma área específica do conhecimento, mesmo não possuindo formação exclusiva em determinada especialidade.

Em se tratando de particularidades do *informacionista*, Detlefsen (2002; 2004) nota que o

informacionista é o profissional da informação em saúde com qualificações extras, obtendo essas qualificações na graduação ou experiência de trabalho, o que o habilita a trabalhar colaborando com o médico e profissionais de saúde para satisfazer necessidades de informação que surgem durante o cuidado direto ao paciente e na pesquisa médica.

Já Wolf et. al. (2002) e Banks e Ehrman (2006) observam que o *informacionista* seria um perito em recuperação, síntese, e apresentação de informação médica, como também capaz de fazer parte da equipe de cuidado clínico. Além de fornecer informação a todos os membros dessa equipe, ele forneceria, também, informação de cuidado médico para os pacientes, além de informações para as suas famílias.

Diante das descrições acima, Byrd (2002) acrescenta que *informacionistas* têm-se esforçado para fornecer aos clínicos um acesso rápido às informações médicas disponíveis na literatura, porém esse esforço deve ser acompanhado de uma divulgação de que o investimento em informação melhora a qualidade do cuidado ao paciente e reduz os custos de atendimento.

Alguns autores ressaltam as diferenças na formação para que o *bibliotecário clínico* se torne um *informacionista*. Sobre a educação dos *informacionistas*, Oliver e Roderer (2006) verificam que eles seriam capacitados por especialistas com conhecimento específico, podendo suprir a informação em profundidade. Além disso, a formação específica daria a eles uma perspectiva única na aquisição, na síntese e na aplicação da informação para resolução de problemas. Já Shearer, Seymour e Capitani (2002) afirmam que, para garantir seu lugar nas equipes de cuidado médico, *informacionistas* teriam que possuir as habilidades de bibliotecários, como também de biostatísticos, cientistas da computação, e profissionais médicos, características que se encontram também nos textos de Plutchak (2000, 2002).

A partir do exposto acima, Hersh (2002) diz que o *informacionista* tem em sua formação conteúdos de pesquisa informacional e busca de informação, da mesma maneira que em seu currículo há conteúdos de informática médica e assuntos da área de atuação de suas equipes. Ele tem que ter alguma familiaridade com o ambiente clínico. Conhecimento em uma área clínica

³ Traço semântico é a unidade de significado, ou propriedade mínima, usada para descrever um conceito ou noção. É também chamado de característica semântica. (Pavel, 2005)

(por exemplo, medicina ou enfermagem) é muito útil para este profissional, mas não essencial. É necessário, porém, algum entendimento básico de saúde humana e doenças, juntamente com o conhecimento do funcionamento do sistema de cuidado médico e do trabalho dos seus profissionais. Também é necessária uma compreensão de medicina baseada em evidências, inclusive a habilidade para formular perguntas e responder questões, localizar e recuperar a melhor evidência, e criticamente avaliá-la e aplicá-la. Seago (2004), Brown (2004) e Perry e Roderer (2005), apontam a iniciativa de se inserir conteúdos da informática médica na educação de *informacionistas*.

A literatura estudada aponta algumas ações contrárias à implantação do *informacionista* atuando juntamente às equipes de saúde.

Jorgensen (2001), Sandroni (2001), Houghton e Rich (2001) e Schott (2001), em resposta ao artigo *The informationist: a new health profession?* de Davidoff e Florance (2000), mostram diferentes opiniões sobre o texto.

Jorgensen (2001) responde aos autores que não está de acordo com a proposta de um novo profissional e que os profissionais da saúde, especificamente farmacêuticos, com os quais ele tem contato, são muito habilidosos na utilização de ferramentas de busca, realizando a pesquisa de seu interesse em um tempo relativamente pequeno. Sandroni (2001) não descarta a utilização do termo *informacionista*, entretanto ressalta que, em sua área de atuação, os médicos já estão sendo treinados, conseguindo recuperar informações desejadas em minutos. Houghton e Rich (2001) notam que também há uma preocupação com recursos financeiros gastos nesses programas de inserção do profissional da informação em ambientes normalmente ocupados exclusivamente por profissionais de saúde.

Schott (2001), por exemplo, parabeniza os autores, concordando com a inserção do profissional bibliotecário na prática médica, acrescentando que as bibliotecas hospitalares estão em declínio, sendo esses profissionais muito úteis se atuassem dando suporte informacional aos pacientes.

Observamos, pelos parágrafos anteriores, que as competências e perfis dos profissionais da informação em saúde resultam não apenas de reflexões acadêmicas, mas também de interesses e poderes diversos.

No Brasil, o *informacionista* é descrito a partir dos autores internacionais. Assim, os autores brasileiros

que publicaram trabalhos sobre o *informacionista*, descrevem esse profissional de acordo com citações do artigo de Davidoff e Florance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da literatura sistematizada, notamos que não há um grande consenso sobre as competências que os profissionais da informação em saúde devam possuir, posto que os autores tratam competências com diferentes perspectivas, ou seja: alguns enfocam a capacidade pessoal do indivíduo; outros abordam o conhecimento que deve ser adquirido por meio de uma formação profissional; um terceiro grupo defende que as competências são adquiridas no local de trabalho, e um quarto grupo mescla as abordagens anteriores, priorizando um ou outro aspecto.

Além disso, a discussão sobre o perfil e competências do profissional da informação em saúde é marcada pela presença de três termos, quais sejam *bibliotecário médico*, *bibliotecário clínico* e *informacionista*, que surgiram, no contexto internacional, como tentativa de representar algumas mudanças conceituais diacrônicas e sincrônicas, conforme já assinalamos em tópicos anteriores. Assim, o termo *bibliotecário médico* é priorizado para representar o profissional que trabalha em bibliotecas médicas ou especializadas; o termo *bibliotecário clínico* aparece para representar o profissional que, além de organizar e disseminar a informação, atua de forma mais harmônica com os interesses da equipe de saúde; já o termo *informacionista* é associado a um profissional que possui conhecimentos tanto da organização e recuperação da informação quanto do campo da saúde e participa de forma ativa nas equipes médicas, auxiliando na tomada de decisão em saúde.

Apesar da fragilidade conceitual observada, uma vez que, *grosso modo*, os textos analisados não possuem expressivas sistematizações teóricas, percebemos que os conceitos dos termos *bibliotecário médico*, *bibliotecário clínico* e *informacionista* movimentam-se gradativamente da instituição *biblioteca médica* para a atenção às demandas informacionais dos *usuários*, sejam os profissionais da *equipe médica*, sejam os *pacientes* e suas *famílias*. Nesse ponto, caberia que os autores discutissem mais detalhadamente qual o impacto dessas mudanças, sobretudo na formação que o profissional da informação em saúde deve ter, já que

as relações humanas, competências comunicativas de análise de contexto e de gestão da informação e do conhecimento foram intensificadas na sua atuação profissional.

Percebemos também que os autores internacionais estudados pouco priorizam a discussão da preservação da informação para o futuro; a possibilidade dos estudos retrospectivos como forma de encontrar, no passado, soluções para os problemas; e a necessidade de organização e tratamento da informação para que ela, de fato, esteja disponível.

Em complemento a isso, ressaltamos que as atividades do profissional da informação em saúde somente se fazem possíveis se houver uma infra-estrutura humana, tecnológica e informacional de apoio, ou seja, um sistema de informação que possa ser acessado e utilizado quando preciso. O trabalho do profissional da informação pressupõe uma ação coletiva.

Nesse sentido, entendemos que alguns aspectos mais históricos da atuação do profissional da informação possam ser destacados, como é o caso do trabalho cooperativo entre unidades e sistemas de informação, da preocupação não somente com a organização da informação para uso das futuras gerações como também com o uso de tecnologias que garantam que o acesso à informação possa ocorrer, seja no presente, seja no futuro, segundo os critérios estabelecidos pelas políticas informacionais institucionais, locais, regionais, nacionais ou internacionais.

Um outro aspecto pouco discutido, na literatura internacional, é a questão lúdica e a possibilidade que a leitura pode criar para a recuperação do paciente e mesmo de apoio às famílias dos pacientes. Essa questão só aparece quando se fala nas origens do *bibliotecário médico*, mas, a nosso ver, mereceria ser resgatada.

Voltando nosso olhar para a literatura nacional, percebemos que, em nosso país, os termos *bibliotecário médico*, *bibliotecário clínico* e *informacionista* são

usados, mais ou menos, de forma sobreposta, parecendo não haver muita distinção conceitual quando se emprega um termo ou outro. De qualquer forma, ressaltamos que a perspectiva do *informacionista* é menos explorada pelos autores brasileiros. Esses fenômenos, talvez, possam ser explicados pela ciência da terminologia. Termos e conceitos surgem como meio de socialização e eficácia. Se o Brasil, ao longo de sua história, não priorizou a formação do profissional da informação em saúde, a construção de termos e conceitos nesse campo também será menos rigorosa, uma vez que o contexto comunicativo não exige uma eficácia, uma precisão na linguagem empregada.

Em síntese, podemos afirmar que os trabalhos nacionais estudados, ao abordarem os conceitos de *bibliotecário médico* e *bibliotecário clínico*, ainda enfatizam o trabalho nas bibliotecas especializadas em saúde ou bibliotecas hospitalares. Já na literatura internacional, os estudos sobre profissional da informação em saúde priorizam competências e novos locais de trabalho, não se limitando apenas às bibliotecas médicas e hospitalares, mas sendo também inserido nas equipes médicas, enfermarias, laboratórios clínicos e laboratórios farmacêuticos.

Por meio da análise acima, observamos que a formação do profissional da informação em saúde, proposta pela USP-Ribeirão Preto, está em consonância com a literatura internacional. Ressaltamos, em acréscimo ao discutido, que a referida formação deve contemplar conteúdos relacionados:

- - à realidade sócio-cultural, sobretudo, brasileira;
- - à compreensão da comunicação e das relações humanas;
- - ao tratamento, recuperação, disseminação e gestão da informação e do conhecimento e
- - à vivência no contexto da saúde – elemento que poderá ser alcançado por meio de estágios, projetos ou mesmo residência.

REFERÊNCIAS

BANKS, M.A.; EHRMAN, F.L. Defining the informationist: a case study from the Frederick L. Ehrman. *Journal of the Medical Library Association*, v.94, n.1, p.5-7, 2006.

BERAQUET, V.S.M. Desenvolvimento do profissional da informação para atuar em saúde: identificação de competências. *Revista*

Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v.3, n.2, p.1-16, 2006.

BROWN, H.-A. Clinical medical librarian to clinical informationist. *Reference Services Review*, West Yorkshire, v.32, n.1, p.45-49, 2004.

- BRUNO, F.; VERCELLESI, L.; MIRANDA, G.F. Helping doctors put patients first: an innovative service from health libraries. *Health Information and Libraries Journal*, v.22, n.3, p.219-223, 2005.
- BYRD, G.D. Can the profession of pharmacy serve as a model for health informationist professionals? *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.68-75, 2002.
- CAÑEDO-ANDALIA, R. Del bibliotecario clínico al informacionista: de la gerencia de la información a la gestión del conocimiento. *Acimed*, v.10, n.3, 2002.
- CIOL, R.; BERAQUET, V.S. O profissional da informação no paradigma atuação em saúde pública. *Biblios*, v.4, n.16, p.54-64, 2003.
- COUMOU, H.C.; MEIJMAN, F.J. How do primary care physicians seek answers to clinical questions?: a literature review. *Journal of the Medical Library Association*, v.94, n.1, p.55-60, 2006.
- CRESTANA, M.F. *Discurso de bibliotecárias a respeito de suas profissões na área médica*. 2002. 116f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- DALRYMPLE, P.W. The impact of medical informatics on librarianship. *IFLA Journal*, v.28, n.56, p.312-317, 2002.
- DAVIDOFF, F.; FLORANCE, V. The informationist: a new health profession? *Annals of Internal Medicine*, v.132, n.12, p.996-998, 2000.
- DETLEFSEN, E.G. The education of informationists: from the perspective of a library and information sciences educator. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.59-67, 2002.
- DETLEFSEN, E.G. Clinical research informationist. *Reference Services Review*, v.32, n.1, p.26-30, 2004.
- FRANÇA, G.V. A ética e a técnica em medicina. *Revista Brasileira de Medicina Legal*, v.3, n.5, 2006. Disponível em: <<http://www.revistademedicinalegal.com.br/>>. Acesso em: 3 jul. 2007.
- HAIGH, V. Clinical effectiveness and allied health professionals: an information needs assessment. *Health Information and Libraries Journal*, v.23, p.41-50, 2006.
- HERSH, W. Medical informatics education: an alternative pathway for training informationists. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.76-79, 2002.
- HOMAN, J.M.; MCGOWAN, J.J. The medical library association: promoting new roles for health information professionals. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.80-85, 2002.
- HOUGHTON, B.; RICH, E.C. The informationist (letter to the editor). *Annals of Internal Medicine*, v.134, n.3, p.252, 2001.
- JORGENSEN, D.B.R. The informationist (letter to the editor). *Annals of Internal Medicine*, v.134, n.3, p.251, 2001.
- LIPSCOMB, C. Clinical librarianship. *Bulletin of the Medical Library Association*, v.88, n.4, p.393-396, 2000.
- MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.S. *A informação científica na prática médica: estudo do comportamento informacional do médico-residente*. 2005. 184f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- MCKIBBON, A.; BAYLEY, L. Health professional education, evidence-based health care, and health sciences librarians. *Reference Services Review*, v.32, n.1, p.50-53, 2004.
- OLIVER, K.B.; RODERER, N.K. Working towards the informationist. *Health Informatics Journal*, v.12, n.1, p.41-48, 2006.
- PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia*. Trad. Enilde Faulstich. Quebec: Departamento de Tradução do Governo Canadense, 2002. Disponível em: <<http://www.fit-ift.org/download/presport.pdf>> Acesso em: 3 jul. 2008.
- PERRY, G.J.; RODERER, N.K.; A current perspective on medical informatics and health sciences librarianship. *Journal of the Medical Library Association*, v.93, n.2, p.199-205, 2005.
- PINTO, R.R. *Profissional da informação em ciências da saúde: subsídios para o desenvolvimento de cursos de capacitação no Brasil*. 2005. 130f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Saúde) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PLUTCHAK, T.S. Informationists and librarians. *Bulletin of the Medical Library Association*, v.88, n.4, p.391-392, 2000.
- PLUTCHAK, T.S. The informationist: two years later. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.4, p.14-33, 2002.
- RIGBY, E. et al. Clinical librarians: a journey through a clinical question. *Health Information and Libraries Journal*, v.19, n.3, p.158-160, 2002.
- SANDRONI, S. The informationist (letter to the editor). *Annals of Internal Medicine*, v.134, n.3, p.251, 2001.
- SARGEANT, S.J.E.; HARRISON, J. Clinical librarianship in the UK: temporary trend or permanent profession? Part I: a review of the role of the clinical librarian. *Health Information and Libraries Journal*, v.21, n.3, p.173-181, 2004a.
- SARGEANT, S.J.E.; HARRISON, J. Clinical librarianship in the UK: temporary trend or permanent profession? Part II: present challenges and future opportunities. *Health Information and Libraries Journal*, v.21, n.4, p.220-226, 2004b.
- SCHACHER, L.F. Clinical librarianship: its value in medical care. *Annals of Internal Medicine*, v.134, n.8, p.717-720, 2001.

SCHOTT, M.J. The informationist (letter to the editor). *Annals of Internal Medicine*, v.134, n.3, p.252, 2001.

SEAGO, B.L. School Medicine CBIL librarian: an education informationist model. *Reference Services Review*, v.32, n.1, p.35-39, 2004.

SHEARER, B.S.; SEYMOUR, A., CAPITANI, C. Bringing the best of medical librarianship to the patient team. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.22-31, 2002.

SHIPMAN, J.P. et al. The informationist conference: report. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.4, p.458-464, 2002.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. [Curso de Ciências da Informação e da Documentação]. Ribeirão Preto: USP-FFCLRP, 2006. Disponível em: <<http://www.ffclrp.usp.br>> Acesso em: 1 nov. 2006.

WAGNER, K.C., BYRD, G.D. Evaluating the effectiveness of clinical medical librarian programs: a systematic review of the literature. *Journal of the Medical Library Association*, v.92, n.1, p.14-33, 2004.

WARD, D.; MEADOWS, S.E.; NASHESKY, J.E. The role of expert searching in the family physicians' inquiries network (FPIN). *Journal of the Medical Library Association*, v.93, n.1, p.88-96, 2005.

WINNING, M.A.; BEVERLEY, C.A. Clinical librarianship: a systematic review of the literature. *Health Information and Libraries Journal*, v.20, Suppl.1, p.10-21, 2003.

WOLF, D.G. et al. Hospital librarianship in the United States: at the crossroads. *Journal of the Medical Library Association*, v.90, n.1, p.38-48, 2002.

ZIPPERER, L. Clinicians, librarians and patient safety: opportunities for partnership. *Quality & Safety in Health Care*, v.13, p.218-222, 2004.

